

5

A delimitação de adjetivos em estruturas predicativas e de adjunção

Neste capítulo, reportam-se os resultados de dois experimentos planejados com vistas a verificar se crianças em torno dos dois anos de idade fazem uso de informação sintática e morfológica para a delimitação da categoria *adjetivo*, seja em predicativo, seja em construções de adjunção (no contexto de um DP). Para a realização de ambos os experimentos, conduzidos em duas creches na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, foi escolhido o paradigma da seleção de objetos em situação de aprendizagem de palavras novas/conceitos novos. A fim de que se possa compreender como as tarefas experimentais com crianças foram conduzidas, faz-se a seguir uma breve descrição da técnica utilizada.

5.1

O Paradigma da Seleção de Objetos

Segundo Name & Corrêa (2006), a técnica de seleção de objetos, que é uma variação do paradigma de *identificação/seleção de imagens*⁵⁷, tem sido utilizada em experimentos cujo objetivo é o de investigar diversas habilidades da percepção e compreensão lingüísticas. É indicada para a realização de experimentos com crianças que ainda não produzem determinados enunciados de sua língua, embora possam compreendê-los, sendo, portanto, capazes de responder as tarefas propostas pelo experimentador. A medida da compreensão é usualmente tomada com base no ato, por parte da criança, de apontar/pegar objetos que lhe são apresentados.

A opção por esse paradigma se deve ao fato de ele viabilizar uma maior interação da criança com as tarefas experimentais, pois é permitido a ela manipular os objetos, percebendo suas diferentes formas, texturas, enfim, suas propriedades, o que é relevante para a delimitação da categoria dos adjetivos.

⁵⁷ A tarefa de seleção de imagens é “particularmente apropriada para a avaliação de habilidades de compreensão quando o conhecimento da forma lingüística em questão não é facilmente avaliado a partir de dados da produção, sejam estes de crianças ou de adultos que apresentam algum tipo de impedimento à expressão oral” (cf. Name & Corrêa, *op. cit.*, p.90).

Um procedimento de ambientação da criança antes das sessões experimentais é também um importante momento de interação com o experimentador. Para isso, são apresentados brinquedos à criança, a fim de familiarizá-la com as tarefas a serem realizadas durante a condução dos experimentos pelo experimentador. No caso deste estudo, durante a ambientação, foram empregados adjetivos com afixos derivacionais para atribuir propriedades aos brinquedos de modo a simular as diferentes fases dos experimentos nos quais informação relativa a esses afixos foi explorada (por exemplo: “Olha, um carrinho! Este carrinho é barulhento! Olha, outro carrinho! Este aqui não é barulhento! Mostra o carrinho barulhento pra mim.”). Nas subseções a seguir, destinadas à apresentação dos experimentos, descreve-se mais detalhadamente essa técnica, especificando-se os materiais e procedimentos em cada um. Investiga-se de que modo unidades sintáticas podem ser identificadas a partir de pistas fornecidas pelo material lingüístico, que se apresenta à criança como interface fônica e semântica ao que há de interno na língua.

5.2 EXPERIMENTOS

5.2.1 Pistas morfológicas e sintáticas para a delimitação de adjetivos pela criança

Um primeiro experimento de identificação de objetos inventados a partir de pseudopalavras foi realizado, a fim de verificar a sensibilidade de crianças com idade de 12-22 meses à informação proveniente de sufixos derivacionais e do Determinante, no mapeamento entre a *pseudopalavra* e o *objeto* ou entre a *pseudopalavra* e a *propriedade* do objeto referido, distinguindo *nome* de *adjetivo* em posição de predicativo.

Para a formação das pseudopalavras com sufixos derivacionais, empregadas nas sentenças durante a realização das tarefas, foram escolhidos os sufixos *-oso* e

-ento a partir da aplicação do Inventário MacArthur⁵⁸ (questionário de compreensão e produção de vocabulário). Um segundo experimento de identificação de objetos inventados a partir de pseudopalavras foi planejado, dando continuidade ao anterior, com vistas a verificar o peso relativo de informação morfológica de sufixos derivacionais e da posição estrutural do adjetivo (à direita ou à esquerda do nome), na distinção entre essas duas categorias lexicais por crianças na mesma faixa etária do experimento anterior.

5.2.1.1

Experimento 1 – Sensibilidade a determinantes e sufixos derivacionais na distinção nome/adjetivo em posição de predicativo

O experimento aqui relatado se baseia em um estudo realizado por Waxman & Booth (2001), citado anteriormente no capítulo 4. Recapitulando, as evidências experimentais encontradas sugerem que crianças de 14 meses que adquirem o inglês parecem utilizar informação sintática e morfológica que lhes permite distinguir nomes de adjetivos. Durante a realização das tarefas, foram usadas pseudopalavras, sendo que, no caso dos adjetivos, havia marca morfológica derivacional específica do inglês. Reproduzimos abaixo os seguintes exemplos (da fase Teste) com pseudopalavras:

1.a) This one is a *blicket*. (*blicket* = nome)

b) Can you give me the *blicket*?

2.a) This one is *blickish*. (*blickish* = adjetivo)

b) Can you give me the *blickish* one?

⁵⁸ Os Inventários MacArthur se constituem de dois formulários: um para crianças de 8 a 16 meses de idade, denominado *Palavras e Gestos*, e outro para crianças de 16 a 30 meses, denominado *Palavras e Sentenças*. Neste trabalho, foi utilizada apenas a parte referente a “Qualidades e Atributos” do protocolo *Palavras e Sentenças*, tendo em vista o tema focalizado nesta tese e a idade média das crianças participantes dos dois experimentos (18,2 meses e 20 meses, respectivamente). Para o preenchimento da referida seção do questionário, contou-se com a colaboração dos pais das crianças, residentes na cidade de Juiz de Fora, onde se realizaram os experimentos. Para um estudo mais detalhado a respeito dos Inventários MacArthur, ver Teixeira (2000).

Assim, com base em (1), a criança tendia a apontar para um objeto de mesma categoria de outro já apresentado (por exemplo, cavalo), enquanto que, com base em (2), ela parecia identificar o objeto com a propriedade-alvo, ou seja, a propriedade saliente do objeto anteriormente mostrado (por exemplo, a cor do cavalo). Os resultados obtidos sugerem que a apresentação de objetos por nomeação ou por meio de adjetivo com marca morfofonológica parece guiar a atenção da criança para a identificação de categoria (nome) ou de propriedade (adjetivo). As crianças revelaram capacidade para estender tal conhecimento a novas palavras, relacionando elementos apresentados caracteristicamente como nome (isto é, precedido de determinante) a objetos, e associando elementos caracterizados como adjetivo (com marca morfológica derivacional específica) a propriedades de objetos. De acordo com os resultados, as crianças apresentaram uma maior facilidade no mapeamento entre *nome* e objeto do que em relação ao mapeamento entre *adjetivo* e propriedade do objeto.

Um aspecto desse estudo que merece observação é o fato de os objetos utilizados serem conhecidos das crianças, o que poderia ter interferido no bom desempenho quanto ao mapeamento dos nomes. Além disso, durante a realização das tarefas, as crianças poderiam ter utilizado, além das informações relativas à marca morfofonológica derivacional específica de adjetivos, outras que dizem respeito à ordem dos elementos nas sentenças ou à presença de determinantes. Note-se que o pseudonome *blicket* foi apresentado precedido de determinante (o artigo indefinido “a” e o definido “the” numa estrutura característica da língua inglesa → Det + N). Já o pseudo-adjetivo *blickish* foi apresentado antecedendo um pronome indefinido no lugar do nome (“*the blickish one*”), tendo sido mantida a forma canônica do inglês (Det + Adj + N, como em “*the purple horse*”). Ainda que as autoras considerem que as crianças foram capazes de identificar adjetivos, distinguindo-os do nome a partir da marca morfofonológica *-ish*, é importante considerar o papel de informação de natureza sintática no processo de delimitação dessa categoria lexical, como a ordem dos constituintes e a presença de determinantes. Portanto, pretendendo eliminar as dificuldades metodológicas observadas no trabalho de Waxman & Booth (2001), este experimento foi elaborado substituindo-se o uso de objetos conhecidos (ex. cavalos), caracterizados por propriedades lexicalizadas na língua (cor, p. ex.), os

quais naquele estudo teriam de ser identificados a partir de pseudopalavras (ex. *blicket*, *blickish*), pelo uso de objetos inventados e propriedades não-lexicalizadas na língua (ex. mabo, maboso ou tobe, tobento).

- **Objetivos:**

Este experimento foi elaborado a fim de:

(i) avaliar a sensibilidade de crianças de 12-22 meses, adquirindo o PB, à informação de natureza sintática e morfológica relativa a adjetivos, distinguindo-os do nome, em posição de predicativo;

(ii) aferir o peso relativo da informação concernente à presença de determinantes (pela posição estrutural reservada a esse item funcional e por sua alta freqüência nos enunciados lingüísticos) diante da informação proveniente de sufixos derivacionais (por sua especificidade no que diz respeito à distinção de categorias lexicais).

- **Variáveis Independentes** (compondo um design 2 X 2):

- a) Presença/Ausência de determinante;
- b) Presença/Ausência de afixo derivacional → -oso/-ento

- **Variável dependente:**

O número de escolhas referentes ao novo objeto inventado com a propriedade em questão (no caso, com bolinhas roxas ou triângulos verdes ou quadrados laranja ou cruces vermelhas)⁵⁹.

⁵⁹ O modo pelo qual os experimentos com crianças foram concebidos para o desenvolvimento desta tese (em que os objetos inventados compartilham tanto propriedades relativas a categorias (por exemplo, forma semelhante) quanto atributos (por exemplo, com bolinhas roxas)), permite-nos investigar se crianças em tenra idade são capazes de interpretar o mesmo conjunto de objetos (por exemplo, três objetos inventados com forma semelhante), tanto como membros de uma categoria de objetos (*dabos*) quanto como objetos (de diferentes categorias) que compartilham um atributo (por exemplo, um objeto diferente do da familiarização, mas com a mesma propriedade-alvo= com bolinhas roxas).

- Condições experimentais:

Condição 1: Sem determinante/sem sufixo:

Condição 2: Sem determinante/com sufixo:

Condição 3: Com determinante/sem sufixo:

Condição 4: Com determinante/com sufixo

Condição 1: Sem determinante/sem sufixo:

Familiarização: Este aqui é dabo. Este também é dabo. Este outro é dabo também.

Contraste: Este aqui não é dabo. Este também não é dabo. Este outro também não é dabo.

Teste: Pega o dabo pra mim.

Condição 2: Sem determinante/com sufixo:

Familiarização: Este aqui é maboso. Este também é maboso. Este outro é maboso também.

Contraste: Este aqui não é maboso. Este também não é maboso. Este outro também não é maboso.

Teste: Pega o maboso pra mim.

Condição 3: Com determinante/sem sufixo:

Familiarização: Este aqui é um mipe. Este também é um mipe. Este outro é um mipe também.

Contraste: Este aqui não é um mipe. Este também não é um mipe. Este outro também não é um mipe.

Teste: Pega o mipe pra mim.

Condição 4: Com determinante/com afixo:

Familiarização: Este aqui é um tobento. Este também é um tobento. Este outro é um tobento também.

Contraste: Este aqui não é um tobento. Este também não é um tobento. Este outro também não é um tobento.

Teste: Pega o tobento pra mim.

- Hipótese:

A criança, em situação de compreensão, é sensível à informação de natureza morfossintática relativa a elementos da categoria Determinante e a sufixos derivacionais, fazendo uso dessa informação na distinção Nome/Adjetivo em posição de predicativo.

- Previsões:

(a) Esperam-se *mais* respostas concernentes à *propriedade* dos objetos, caso a criança reconheça os sufixos derivacionais;

(b) esperam-se, ainda, *mais* respostas relativas à *categoria*, se a criança se revelar sensível à posição estrutural dos determinantes.

MÉTODO**- Participantes:**

16 crianças de 12 a 22 meses (idade média 18,2 meses) - 10 do sexo feminino e 6 do masculino. 18 crianças da creche-escola Balão Vermelho, em Juiz de Fora, participaram inicialmente da atividade, mas 6 delas não completaram a tarefa. Outras 4 crianças participaram do experimento posteriormente. Todas as crianças foram testadas individualmente, com a presença da professora ou ajudante de confiança. A apresentação das condições *com* e *sem* afixo foi contrabalançada.

- Materiais:

Os materiais incluíram 32 objetos manufaturados, variando em tamanho de 15 a 20 cm de altura por 10 a 15 cm de largura (ver imagens 1 e 2 no Anexo 1). Eles foram selecionados de modo a formar 4 grupos diferentes de 8 objetos cada -

um grupo por condição experimental (para se ter um exemplo, ver quadro 1 adiante). Durante a etapa de familiarização, as crianças viram 3 objetos inventados iguais na forma, com cores diferentes e com a mesma propriedade (por ex., bolinhas roxas ou triângulos verdes ou quadrados laranja). Para cada grupo de objetos, houve outro para contraste: 2 objetos conhecidos da criança (por ex., banana e bola ou lua e flor) e 1 objeto inventado diferente do apresentado na familiarização, sem a propriedade em questão. Na fase teste, foi apresentado um par de objetos inventados: 1 igual ao da familiarização, mas com uma nova propriedade (por ex., cruces vermelhas) e 1 igual ao do contraste e com a mesma propriedade-alvo da familiarização (no caso, bolinhas roxas ou triângulos verdes ou quadrados laranja). Na subseção que trata especificamente do *procedimento*, são fornecidas informações mais detalhadas a respeito da técnica.

Quadro 1 - Conjunto (1) de objetos

FAMILIARIZAÇÃO	CONTRASTE	TESTE
3 objetos inventados de cores diferentes, com a mesma forma e com a mesma propriedade (e.g. bolinhas roxas)	<p><i>Distratores</i></p> <p>a) 2 objetos conhecidos s/ a propriedade-alvo (lua/flor ou banana/bola);</p> <p>b) 1 objeto inventado de outro tipo do apresentado na Familiarização, sem a propriedade-alvo</p>	<p>Objeto inventado igual ao da Familiarização com outra propriedade (e.g. cruces vermelhas)</p> <p style="text-align: center;">X</p> <p>Objeto inventado igual ao do Contraste e com a mesma propriedade-alvo (e.g. bolinhas roxas)</p>
	<p><i>Alvo</i></p> <p>Objeto inventado com a propriedade-alvo (e.g. com bolinhas roxas)</p>	

- Procedimento:

Foi usado o paradigma da seleção de objetos (cf. seção 5.1). No caso específico deste experimento, a criança deveria mostrar à pesquisadora o que era pedido, a partir de objetos manufaturados. Os brinquedos foram inventados, a fim de evitar qualquer interferência decorrente de conhecimento prévio da criança, quando do mapeamento entre a pseudopalavra e o objeto inventado ou entre a pseudopalavra e a propriedade do objeto inventado.

Após chegar à creche-escola, iniciou-se a ambientação com a tarefa de manipulação de brinquedos a partir de objetos conhecidos, apresentando-os aos pares a cada criança individualmente e nomeando-os. O objetivo desse “aquecimento” foi o de familiarizar a criança com a execução da tarefa (cf. 5.1). Em seguida, teve início a apresentação dos objetos inventados. O procedimento incluiu três fases distintas (cf. quadro 1): familiarização, contraste e teste. Cada criança foi apresentada a todas as condições experimentais duas vezes, em duas sessões: na primeira sessão, metade das crianças foi testada inicialmente nas duas condições *sem* afixo, e a outra metade, naquelas *com* afixo; na segunda sessão, inverteu-se esse procedimento.

Os 16 participantes foram divididos em dois grupos apenas para facilitar a condução das tarefas em cada sessão. A ordem de apresentação das condições experimentais foi aleatorizada (cf. quadro 2 abaixo) e as escolhas das crianças foram anotadas para análise posterior. As pseudopalavras empregadas nas sentenças das condições *sem* afixo foram “dabo/mipe”; já nas sentenças das condições *com* afixo, as pseudopalavras foram “maboso/tobento”. A fim de que se possa entender como as tarefas experimentais foram conduzidas, faz-se, após o quadro 2, uma apresentação de cada fase deste experimento.

Quadro 2 – Listas com a ordem de apresentação semi-aleatorizada das condições experimentais (8 crianças por grupo)

	Participantes	
	Lista 1	Lista 2
Sessão 1	Cond 1 Cond 3 Cond 2 Cond 4	Cond 2 Cond 4 Cond 1 Cond 3
Sessão 2	Cond 4 Cond 2 Cond 3 Cond 1	Cond 3 Cond 1 Cond 4 Cond 2

Fase de Familiarização

Conforme o Quadro 1, foram apresentados à criança três objetos inventados do mesmo tipo, de cores diferentes, com a mesma propriedade (e.g. bolinhas roxas ou triângulos verdes ou quadrados laranja). Permitiu-se às crianças manipular livremente os objetos durante a familiarização.

Na condição 1 (“**Sem** determinante/**sem** sufixo”), a pesquisadora mostrou os objetos, dizendo: "*Estes aqui são dabo*". Ela apontou para cada objeto do trio e disse: "*Este aqui é dabo. Este aqui também é dabo. E este aqui é dabo também*".

Na condição 2 (“**Sem** determinante/**com** sufixo”), a experimentadora apresentou os objetos, dizendo: "*Estes aqui são mabosos*". Ela apontou para cada objeto individualmente e disse: "*Este aqui é maboso. Este aqui também é maboso. E este outro aqui é maboso também*".

Na condição 3 (“**Com** determinante/**sem** sufixo”), a pesquisadora mostrou os objetos, dizendo: "*Estes aqui são os mipes*". Em seguida, ela apontou para cada objeto do trio e disse: "*Este aqui é um mipe. Este aqui também é um mipe. E este aqui é um mipe também*".

Na condição 4 (“**Com** determinante/**com** sufixo”), a pesquisadora apresentou os objetos, dizendo: “*Estes aqui são os tobentos*”. Logo depois, ela apontou para cada objeto individualmente e disse: “*Este aqui é um tobento. Este aqui também é um tobento. E este outro aqui é um tobento também*”.

Fase do Contraste

Nesta fase, a pesquisadora introduziu um primeiro objeto conhecido (ex. lua ou flor) e disse, dependendo da condição experimental:

“*Ih, este aqui não é dabo!*” (Condição “**Sem** determinante/**sem** sufixo”).

“*Ih, este aqui não é maboso!*” (Condição “**Sem** determinante/**com** sufixo”).

“*Ih, este aqui não é um mipe!*” (Condição “**Com** determinante/**sem** sufixo”).

“*Ih, este aqui não é um tobento!*” (Condição “**Com** determinante/**com** sufixo”).

Em seguida, outro objeto conhecido foi mostrado (ex. banana ou bola) e repetiu-se o procedimento anterior. Transcorridos alguns segundos, foi apresentado um objeto inventado de **outro tipo** do da fase de familiarização, **sem** a propriedade-alvo, mantendo-se a dinâmica de apresentação das sentenças. Por fim, a experimentadora reapresentou um objeto-alvo, tirado do grupo inicial da fase de Familiarização e disse:

“*Ah! Este aqui é dabo!*” (Condição **Sem** determinante/**sem** sufixo).

“*Ah! Este aqui é maboso!*” (Condição **Sem** determinante/**com** sufixo).

“*Ah, este aqui é um mipe!*” (Condição **Com** determinante/**sem** sufixo).

“*Ah! Este aqui é um tobento!*” (Condição **Com** determinante/**com** sufixo).

Fase de Teste

Foram mostrados a cada criança, nas quatro condições, dois objetos: um inventado *igual* ao da fase de *familiarização*, mas com uma *nova* propriedade (por

ex., cruzeiros vermelhas) e um inventado *igual* ao da fase de *contraste*, apresentando a *propriedade-alvo* (por ex., bolinhas roxas).

Em seguida, a experimentadora dirigiu o seguinte pedido a cada criança, de acordo com a condição experimental:

(i) “*Pega o dabo pra mim.*” (na Condição 1, a expectativa era a de que a criança escolhesse o objeto inventado semelhante ao da familiarização com uma nova propriedade);

(ii) “*Pega o maboso pra mim.*” (na Condição 2, esperava-se que a criança apontasse para o objeto inventado com forma semelhante ao do Contraste e com a propriedade-alvo);

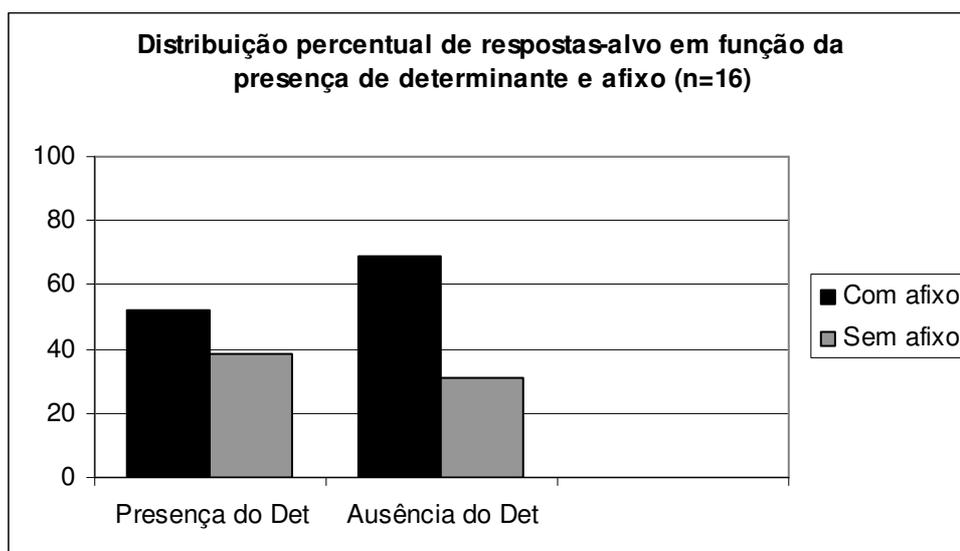
(iii) “*Pega o mipe pra mim.*” (na Condição 3, a expectativa era a escolha do objeto semelhante ao da Familiarização com uma nova propriedade);

(iv) “*Pega o tobento pra mim.*” (na Condição 4, esperava-se que a criança apontasse para o objeto inventado com forma semelhante ao do Contraste e com a propriedade-alvo).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para o tratamento dos dados deste experimento, foi considerado o *número de escolhas* referentes aos objetos inventados que apresentavam a *propriedade-alvo*, isto é, a mesma propriedade dos objetos da fase de familiarização. O gráfico a seguir indica a distribuição percentual de respostas relativas à propriedade-alvo dos objetos em função da presença do determinante e do afixo.

Gráfico 1



Os dados foram analisados por meio de uma análise da variância (*two-way ANOVA*), com medidas repetidas. Retomando as previsões, esperavam-se mais respostas concernentes à propriedade dos objetos, caso a criança reconhecesse os sufixos derivacionais. Esperavam-se, ainda, mais respostas relativas à categoria, se a criança se revelasse sensível à posição estrutural dos determinantes. Os resultados indicam, em conformidade com as previsões, um efeito principal da presença de afixo, com *mais* respostas concernentes à *propriedade-alvo* dos objetos nas condições experimentais *com* afixos derivacionais: $F(1, 15) = 5.87$, $p < .03$. Por outro lado, nas condições com determinante, há uma tendência a mais respostas relativas à *categoria*, o que sugere uma sensibilidade das crianças à posição estrutural desse elemento funcional, identificando a pseudopalavra como nome. Um teste *t-student post-hoc* apresentou um efeito que se aproxima do nível de significância ($p = .08$, 1 cauda). Aumentando-se o número de participantes ou de instâncias por condição, a expectativa é a de que se obtenha um efeito estatisticamente significativo.

Retomando as questões introduzidas nesta tese e desenvolvidas no capítulo 3, vale lembrar que a categorização de um elemento como nome ou adjetivo pode ser um tanto quanto fluida em português (a exemplo do ocorre com a palavra *pobre* em “Um *pobre* foi baleado” – *nome* – / “Um rapaz *pobre* foi baleado” –

adjetivo). Porém, nesses casos, são as características sintáticas que impõem a identificação da classe: *nomes* são núcleos de sintagmas referenciais, por exemplo, enquanto *adjetivos* são modificadores de sintagmas referenciais. Por outro lado, *nomes* e *adjetivos* podem ser núcleos de sintagmas predicadores, quando em posição de predicativo; por isso, voltando à análise dos resultados apresentadas no gráfico 1, não parece estranho que em posição predicativa haja uma preferência por leituras que salientem a *propriedade*, mas que, na presença de D, a preferência pela leitura de *nome* se manifeste, o que parece refletir as especificidades do português (“Este é *pobre*” / “Este é o *pobre*”).

Os resultados aqui analisados indicam, de forma mais clara do que os encontrados em Waxman e Booth (2001), que o peso relativo à informação proveniente de afixos derivacionais foi maior do que o concernente à informação relativa à presença de determinante, sugerindo que a criança faz uso desse tipo de informação na distinção nome/adjetivo em posição de predicativo. No experimento 2 a seguir, procura-se verificar o peso relativo de informação morfológica de afixos derivacionais formadores de adjetivo e da posição estrutural deste (à direita ou à esquerda do nome) na distinção entre essas duas categorias lexicais.

5.2.1.2

Experimento 2 – Sensibilidade a sufixos derivacionais e à posição estrutural do adjetivo adjunto

Os resultados do experimento anterior são compatíveis com a hipótese de que tanto a informação sintática expressa pelo elemento da categoria funcional D quanto a veiculada pelos afixos derivacionais, importantes para a caracterização de mudança de categoria lexical, auxiliam a criança na distinção entre adjetivos e nomes novos, em posição de predicativo, apresentados por pseudopalavras. Este experimento dá continuidade àquele e busca investigar a sensibilidade de crianças de 18 a 22 meses à informação de natureza morfológica proveniente de afixos derivacionais aliada à informação sintática no que diz respeito à posição do adjetivo adjunto, modificador do nome (à direita ou à esquerda), ambos em predicativo (p. ex. “Este é um dabo miposo” ou “Este é um miposo dabo”).

- Objetivos:

Partindo das considerações acima, este experimento foi elaborado com vistas a:

(i) verificar se crianças de 18-22 meses adquirindo o PB são sensíveis à ordem canônica NP + Adjetivo no DP, ao inferir a classe e o significado de palavras novas a partir de pseudopalavras;

(ii) aferir o peso relativo da informação concernente à ordem nome/adjetivo e adjetivo/nome diante da informação proveniente de afixos derivacionais (por sua especificidade no que diz respeito à distinção de categorias lexicais).

- Variáveis Independentes (compondo um design 2 X 2):

a) posição estrutural (à direita/à esquerda do nome);

b) presença de afixo derivacional (presença ou ausência) → *-oso/-ento*

- Variável dependente: O número de escolhas referentes ao novo objeto inventado com a propriedade em questão (no caso, com bolinhas roxas, triângulos verdes, quadrados laranja, cruces vermelhas).

- Condições experimentais:

Condição 1: À direita do Nome (Det + N + Adj) / Com Afixo

Familiarização: Este é um dabo miposo. Este aqui também é um dabo miposo. Este outro é um dabo miposo também.

Contraste: Ih! Este não é um dabo miposo. Este aqui também não é um dabo miposo. Este outro aqui não é miposo.

Teste: Pega o miposo pra mim.

Condição 2: À direita do Nome (Det + N + Adj) / Sem Afixo

Familiarização: Este é um dabo mipe. Este aqui também é um dabo mipe. Este outro é um dabo mipe também.

Contraste: Ih! Este não é um dabo mipe. Este aqui não é um dabo mipe. Este outro aqui não é mipe.

Teste: Pega o mipe pra mim.

Condição 3: À esquerda do Nome (Det + Adj + Nome) / Com Afixo

Familiarização: Este é um miposo dabo. Este aqui também é um miposo dabo. Este outro é um miposo dabo também.

Contraste: Ih! Este não é um miposo dabo. Este aqui também não é um miposo dabo. Este outro aqui não é miposo.

Teste: Pega o miposo pra mim.

Condição 4: À esquerda do Nome (Det + Adj + Nome) / Sem Afixo

Familiarização: Este é um mipe dabo. Este aqui também é um mipe dabo. Este outro é um mipe dabo também.

Contraste: Ih! Este não é um mipe dabo. Este aqui também não é um mipe dabo. Este outro não é mipe.

Teste: Pega o mipe pra mim.

-Hipóteses:

(i) A criança é sensível à informação relativa à ordem linear com que unidades do léxico se apresentam e informação pertinente a elementos de classes fechadas, como afixos derivacionais, importantes na distinção de categorias lexicais;

(ii) a adjunção de adjetivos no DP contribui para a interpretação da referência específica, chamando a atenção da criança para uma propriedade do elemento referido.

- Previsões:

(a) Esperam-se *mais* respostas concernentes à propriedade dos objetos, caso a criança reconheça os sufixos derivacionais;

(b) esperam-se, ainda, *mais* respostas relativas à propriedade dos objetos, se a criança identificar a primeira pseudopalavra apresentada como Nome, e a segunda, como Adjetivo, mapeando o objeto ou a propriedade do objeto.

MÉTODO

- Participantes:

16 crianças de 18 a 22 meses (idade média 20 meses): 9 do sexo feminino; 7 do sexo masculino. Este experimento contou com a participação de 10 crianças da creche-escola Balão Vermelho e 6 da escolinha Tiquinho, ambas em Juiz de Fora. Repetindo o procedimento do experimento 1, todos os participantes foram testados individualmente, com a presença da professora ou ajudante de confiança, e os resultados foram anotados para análise posterior. As crianças foram apresentadas a todas as condições experimentais duas vezes (uma vez por sessão), de modo que, ao fim do experimento, cada criança realizou 8 testes (ver quadro 3 abaixo).

Quadro 3 – Listas com a ordem de apresentação semi-aleatorizada (4 crianças por lista)

	PARTICIPANTES			
	Lista 1	Lista 2	Lista 3	Lista 4
Sessão 1	Cond 1 Cond 2 Cond 3 Cond 4	Cond 2 Cond 3 Cond 4 Cond 1	Cond 3 Cond 4 Cond 2 Cond 1	Cond 4 Cond 2 Cond 3 Cond 1
Sessão 2	Cond 4 Cond 3 Cond 2 Cond 1	Cond 3 Cond 2 Cond 1 Cond 4	Cond 2 Cond 4 Cond 1 Cond 3	Cond 2 Cond 3 Cond 4 Cond 1

- Materiais:

Os materiais incluíram os objetos manufaturados utilizados no Experimento 1 (ver imagens 1 e 2 no Anexo 1). Eles foram selecionados de modo a formar 4 grupos diferentes de 9 objetos cada (para se ter um exemplo, ver quadro 4 a seguir). Em cada condição experimental, durante a etapa de familiarização, as crianças viram 3 objetos inventados iguais na forma, com cores diferentes e com a mesma propriedade (ex. triângulos verdes). Na etapa do contraste, cada criança viu: 2 objetos conhecidos (ex. bola e flor); 1 objeto inventado *semelhante* ao da familiarização, *sem* a propriedade-alvo e 1 objeto inventado *diferente* ao da familiarização, *sem* a propriedade-alvo. Na fase teste, foi apresentado um par de objetos inventados: 1 igual ao da familiarização, de outra cor e com uma nova propriedade (ex. quadrados laranja) e 1 igual ao do contraste, de outra cor e com a propriedade-alvo (e.g. triângulos verdes).

Quadro 4 - Conjunto 2 de objetos

Familiarização	Contraste	Teste
3 objetos inventados de cores diferentes, com a mesma forma e com a mesma propriedade (ex. triângulos verdes)	<p><i>Distratores</i></p> <p>a) 2 objetos conhecidos s/ a propriedade-alvo (ex. bola e flor);</p> <p>b) 1 objeto inventado <i>semelhante</i> ao da fase de Familiarização, <i>sem</i> a propriedade-alvo;</p> <p>c) 1 objeto inventado <i>diferente</i> do da fase de Familiarização, <i>sem</i> a propriedade-alvo;</p>	<p>Objeto inventado igual ao da Familiarização, de outra cor, com outra propriedade (ex. com quadrados laranja)</p> <p>X</p> <p>Objeto inventado igual ao do Contraste, de outra cor, com a propriedade-alvo (ex. com triângulos verdes)</p>
	<p><i>Alvo</i></p> <p>Objeto inventado com a propriedade-alvo (ex. com triângulos verdes)</p>	

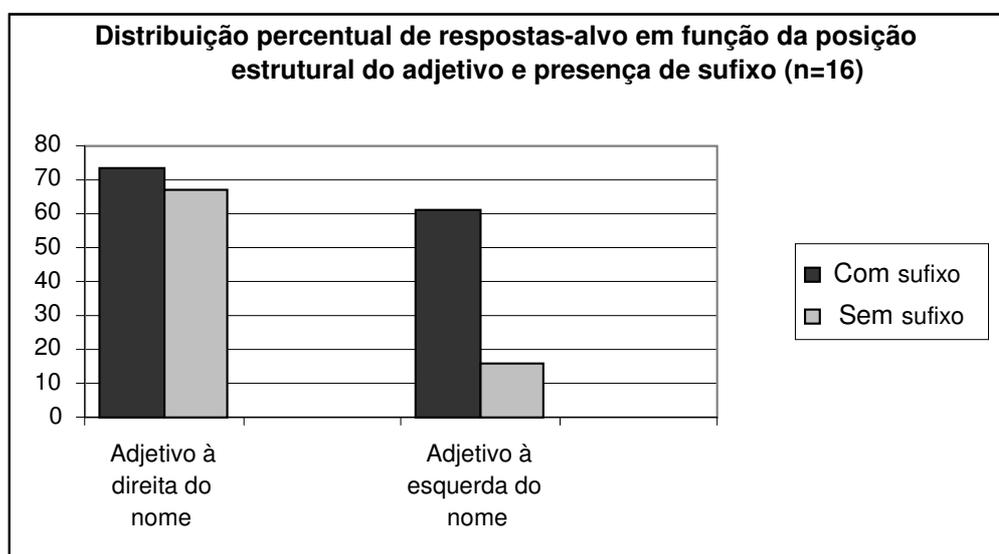
- Procedimento:

Foi usado o mesmo paradigma do experimento anterior. A mudança ocorreu nos estímulos apresentados a cada criança (cf. descrição anteriormente feita das Condições Experimentais). Para melhor compreensão a respeito da dinâmica adotada nas fases de familiarização, contraste e teste, durante a realização das tarefas experimentais, ver quadros de 1 a 4, da seção referente aos Anexos 2.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados deste experimento foram analisados considerando-se, como no experimento 1, o *número de escolhas* referentes aos objetos inventados que apresentavam a *propriedade-alvo*, ou seja, a mesma propriedade dos objetos da fase de familiarização. O gráfico abaixo apresenta a distribuição percentual de respostas-alvo em função da posição estrutural do adjetivo e da presença/ausência de sufixo.

Gráfico 2



Recapitulando as previsões, esperavam-se *mais* respostas concernentes à propriedade dos objetos, caso a criança reconhecesse os sufixos derivacionais. Esperavam-se, ainda, *mais* respostas relativas à propriedade dos objetos, se a criança identificasse a primeira pseudopalavra apresentada como Nome, e a segunda, como Adjetivo, interpretando-as como objeto ou propriedade do objeto. Por meio da análise da variância (*two-way* ANOVA), tem-se que os resultados indicam um efeito principal da ordem nome/adjetivo, com mais respostas concernentes à propriedade-alvo dos objetos nas condições experimentais em que o adjetivo aparece à direita do nome do que naquelas em que ele aparece à esquerda do nome: $F(1, 15) = 36.15, p < .00001$.

No que tange à presença/ausência de afixos, os resultados também apontam um efeito principal da presença de afixo, com mais respostas relativas a propriedades dos objetos nas condições com afixos derivacionais: $F(1,15) = 10.38, p < .01$. Houve interação significativa entre as variáveis: $F(1,15) = 24.77, p < .001$. O efeito de presença de afixo é compatível com os resultados obtidos por Faria (2008), em um estudo conduzido concomitantemente a este, o qual investigou, em que medida a marca morfológica pode ser tomada como informação na identificação de pseudo-adjetivos associados a nomes *vagos*, quando apresentados em ordem canônica (como em “*coisa tapoja*” ou “*negócio bivado*”)⁶⁰. Os resultados são compatíveis com os deste experimento, indicando que o sufixo derivacional é uma pista robusta no processo de identificação do adjetivo.

Em suma, o efeito principal das variáveis independentes e o da interação entre as variáveis manipuladas sugerem que as crianças fixam, desde muito cedo, os valores dos parâmetros relativos à ordem das palavras (por ex. Det + N + Adj), percebendo na fala à sua volta determinados “padrões recorrentes” de natureza sintática (como o fato de que algumas palavras tendem a ser precedidas, com frequência, por outras de classes fechadas (por ex. Det + Nome) e de natureza morfológica (como a presença de afixos derivacionais após as raízes lexicais, no

⁶⁰ Os exemplos são de Faria (2008).

caso deste experimento). Na presença do sufixo derivacional, a informação morfofonológica é prevalente para o estabelecimento pela criança da correspondência entre a pseudopalavra com sufixo e a propriedade (= adjetivo), principalmente nas condições experimentais em que o adjetivo aparece à esquerda do nome, ou seja, na posição não-canônica (Det + Adj + N). Tais informações são levadas em conta pela criança na delimitação da categoria lexical correspondente a adjetivos, distinguindo-os de nomes. Os resultados indicam que adjunção de adjetivos no DP contribui para a interpretação da referência específica, chamando a atenção da criança para uma propriedade do elemento referido.

Contudo, o que não está bem claro é em que medida os traços semânticos dos afixos formadores de adjetivos são representados pela criança, isto é, em que medida ela é capaz de interpretar esses traços na interface semântica, tal como os falantes adultos da língua o fazem. No capítulo 6 a seguir, são apresentados mais dois experimentos: o primeiro deles (Exp. 3) conduzido com adultos, e o segundo (Exp.4), com crianças. Ambos focalizam a capacidade de os falantes da língua atribuírem significado às propriedades expressas por pseudo-adjetivos adjungidos a nomes, tomando como pista os sufixos associados às raízes lexicais desses adjetivos.